

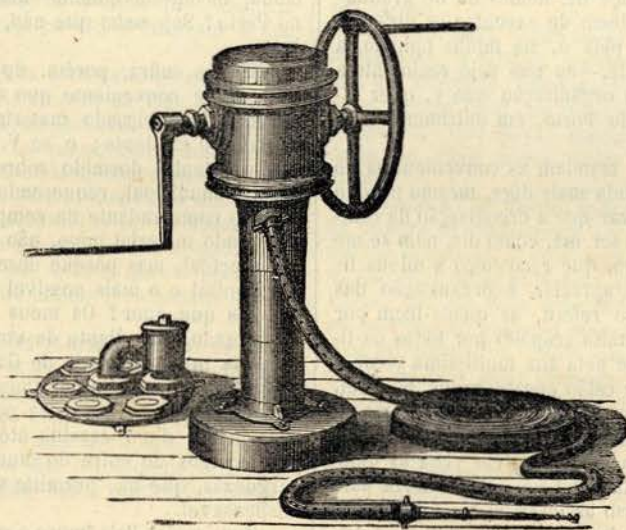


4.º ANNO	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) (REINO)		PORTO — 1 DE JULHO DE 1880	PREÇO DA ASSIGNATURA (ADIANTADO) (ESTRANGEIRO)		N.º 7
	Trimestre.....	350 réis		Trimestre.....	600 réis	
	Semestre.....	700 *		Semestre.....	1200 *	
	Anno.....	13400 *		Anno.....	25400 *	
ESCRITÓRIO — FERNANDES THOMAZ, 128						

A BOMBA «DOWNTON»

É especialmente destinada às embarcações a bomba com cuja vinheta ilustramos o nosso quizenario. Das vantagens e necessidade indispensavel de qual-

quer machina d'este genero a bordo das embarcações, já por mais do que uma vez nos temos occupado; porém como todas as advertencias sejam poucas em vista do desmazello que se nota ainda hoje no tocante à protecção contra fogo, vem sempre a proposito quaesquer observações ou *réclames* tendentes a chamar a attenção do publico para tão momentoso assumpto.



Em vista d'isto, pois, julgamos de grande utilidade a publicação da gravura da bomba de Downton da casa Merryweather & Sons de Londres, não só porque preenche proficuamente o fim para que a destinaram, mas porque por este meio pomos de sobre-aviso aquelles que estiverem desprevenidos, a munirem-se d'esta

ou de outra qualquer machina que julgarem mais apropriada.

Esta machina é fabricada em cinco tamanhos diferentes e toda construida de cobre, variando o seu preço desde 48 libras até 90, à excepção dos tubos emissores e de aspiração.

Do nosso estimavel amigo o sr. Eduardo da Costa Santos recebemos a carta que abaixo publicamos.

Companhia de incendios de Villa Nova de Gaya

Sr. redactor

Consinta V. que eu, não em defeza da camara de Gaya, nem em minha justificação, mas unicamente levado pelo desejo de esclarecer os factos, tome a liberdade de fazer algumas observações ao artigo de v., publicado no n.º 5, de 1 de Junho do seu muito apreciavel jornal *O Bombeiro Portuguez* artigo que tem o mesmo titulo que dou a este.

Em quatro pontos principais é no referido artigo formulada uma censura, a meu ver infundada, á camara de Gaya: 1.º, na má organização da companhia de incendios; 2.º, no pessimo material; 3.º, na falta de um regulamento que defina os direitos e deveres de cada um; 4.º, finalmente, na falta de subsidio d'aquella camara ás corporações de bombeiros do Porto quando alli vão prestar os seus serviços.

Concordo, com respeito ao primeiro ponto, com a opinião, aliás muito authorisada de v., de que a organização da companhia seja má, e seja mesmo pessima, se quizer; mas já que estabelece confrontos entre esta e as outras corporações de bombeiros do Porto, ha-de permittir-me que lhe diga, que se a boa organização consiste na mudança de nomes ou de graduações dos individuos que teem de executar os diversos misteres d'este serviço, pois é, na minha opinião, a unica differença que existe,—eu não vejo realmente a grande superioridade de organização que v. quer attribuir ás corporações do Porto, em detrimento d'aquella a que pertengo.

Mas a este respeito, mandam as conveniencias do cargo que occupo que nada mais diga, mesmo porque nem tenho em vista provar que a organização da companhia da villa deixe de ser má, como diz, nem se me metteu na cabeça, a mim, que reconheço a minha limitadissima capacidade, apreciar a organização das corporações a que V. se refere, as quaes teem por chefes cavalheiros que muito respeito por todos os titulos, mas especialmente pela sua muitissima competencia no serviço de que estão encarregados. Só direi, que cada um organisa como sabe e póde as coisas de que está incumbido, guiando-se por aquillo que a pratica lhe aconselha, e tendo tambem em vista as differenças, ás vezes importantes, que vão de terra para terra.—Pelo menos, penso assim, e assim tenho feito.

Quanto ao material da companhia, nem é novo, nem aperfeçoado; estamos perfeitamente d'accordo; mas não é pessimo, como poderei provar a v., dizendo-se dizer-me o dia em que poderá dar-me a honra de assistir a uma experiencia d'esse material. Além do carro pequeno para condução de baldes e material miudo, temos o carro grande de material pesado, que ainda ha bem pouco tempo não era julgado inferior a qualquer dos da companhia municipal do Porto; temos mais tres bombas, mas só duas funcionam: a grande, de systema inglez, e a pequena, de

construcção genuinamente portugueza, muito semelhante ás da companhia do Porto. Aquella, apesar da negra vida que tem levado em 37 annos de amargurado serviço, tem ainda um organismo excellent e está para ser a primeira vez que me envergonhe trabalhando, como tantissimas vezes tem trabalhado, a par das de systema moderno e mais aperfeçoado;—e a pequena, apesar da sua modestissima apparencia, e não sendo já nenhuma *creança*, pois conta os seus 24 annos de idade, empregados n'uma vida bastante activa e attribulada, ainda ha pouco mais de tres mezes, sendo experimentada d'um concerto em casa do habil constructor o sr. Couto, pae, e em presença de muitos graduados do Porto, arremessou os jactos d'agua a distancia que os mesmos graduados não esperavam, deixando-os admirados, pois não suppunham que aquella machina de tão pequenas dimensões, desenvolvesse, como desenvolveu, força em nada inferior ás da corporação a que pertencem. Funciona, além d'isso, com duas agulhetas, o que em certos casos representa trabalho duplo, e portanto de dupla vantagem.

Foram estas duas machinas as que a companhia da villa poz em acção no fogo na fabrica do sr. Costa, nas Devezas, e cujo trabalho tão mal impressionado deixou a v.—Póde ser que esta má impressão fosse produzida pelo facto, aliás vulgarissimo, de ter visto rebentar uma ou outra manga, o que me não consta que succedesse, n'aquelle incendio; mas isto de forma alguma póde dar logar á classificação de pessimo que dá ao material d'aquella companhia, classificação que regeito como menos verdadeira e como menos justa. Quantas vezes temos nós visto rebentar a manga da bomba dos srs. voluntarios? E lembrou-se por ventura algum por esse facto de condemnar aquella machina, incontestavelmente uma das melhores que ha no Porto? Supponho que não, e quem o fizera era injusto.

Não se enfira, porém, do que levo dito, que eu não julgue conveniente que a camara faça aquisição de mais aperfeçoado material, supposto ache muito razoavel o existente; e se V. se quizer convencer de que não tenho dormido sobre o caso, digne-se ir ao archivo municipal, requerendo copia ou vista aos officios do commandante da companhia, e verá que tenho sollicitado material novo, não porque, repito, condemne o actual, mas porque desejava e achava vantagem uniformisal-o o mais possivel ao do Porto.

Mas que quer? Os meus reiterados pedidos teem naufragado, não diante da vontade dos illustres membros da municipalidade de Gaya, que são verdadeiros patriotas, e não têm certamente vontade de ver comprometido o chefe da sua corporação de bombeiros, mas diante d'um escolho até hoje invencivel: a falta de recursos do cofre do municipio, que não permite larguezas, que não permite senão o restrictamente indispensavel.

Quer mais? Pois honre o quartel da companhia com a sua visita, e lá verá a mais excellent peça que tem sahido da officina do distincto constructor o sr. Couto, e que para alli fiz ir a ver se tentava os illustres veadores a fazerem a sua aquisição; e sabe v. o que me responderam, verdadeiramente penalizados? Foi o triste e desconsolador — *non possumus!* E provaram-me realmente não podiam, pelo menos por emquanto, porque o cofre municipal, aquelle desgraçado cofre, está d'uma anemia mortal. Estou, porém, esperançado em alguma coisa conseguir por meio da iniciativa par-

ticular, e eis a razão porque a referida machina ainda se conserva no quartel da companhia; e se os meus esforços com respeito á sua acqvisição forem coroados de bom exito, como espero, tambem poderei dizer sem receio de ser contestado, que a companhia da villa possui material em nada inferior pelo menos relativamente, ao que possuem as corporações de bombeiros da segunda cidade do reino.

Segue-se o terceiro ponto; a falta de regulamento que defina os direitos e deveres de cada um. Esta falta não é positivamente verdadeira. A companhia tem um regulamento, o que a reorganizou, á semelhança da do Porto, em 1857; porém a maior parte das suas disposições não estão em execução, porque se referem á parte mais essencial d'elle — á isempção do serviço militar que a camara se obrigava a obter, pagando-a, ás praças que se alistavam na companhia, servindo 6 annos, e fardando-se elles á sua custa; isempção esta com que a camara terminou em 1865, por que reconheceu que tal systema de alistamento nem lhe convinha, nem era conveniente tambem á companhia.

Porém essa parte do regulamento que deixou de ter execução, está substituída por ordens verbaes e escriptas, dadas segundo a pratica aconselha, e as necessidades do serviço determinam, e parece-me que os bombeiros de Villa Nova de Gaya, se não são, como eu e elles desejavamos, um modelo de disciplina e exemplares no cumprimento dos deveres que cada um tem a desempenhar, não procedem ainda assim de fórma que v. possa com razão dizer que cada um faz o que quer, segundo parece inferir-se da falta do regulamento notada por v. Ha occasiões reconheço, em que um ou outro vae além d'aquillo que lhe está determinado; mas isto é feito com tão boa intenção, que esse desmando tem em si mesmo a desculpa, pelo fim louvavel que o motivou. E' um defeito inherente ás corporações pequenas, onde os homens que trabalham com boa vontade querem ás vezes fazer sós o que competia a uns poucos.

Mas esteja v. descansado a respeito de regulamento. Ha mez e meio que á camara da villa apresentei um projecto, no qual, desempenhando-me como sei e pude da missão de que fui encarregado, dou á companhia uma organização completa, não muito differente da que tem, mas um pouco modificada em certos pontos que a pratica me aconselhou ser necessario alterar. E' um regulamento modesto, muito simplificado, e composto unicamente dos artigos que vi poderiam ter facil execução, e não de muitos para metade d'elles ser letra morta.

E como as coisas mudam e mudam muito de terra para terra, eu devo dizer a v., que o meu regulamento difere bastante do das corporações do Porto, porque o que para esta terra pôde ser exequivel, é impraticavel em Villa Nova. *Cada terra com seu uso, e cada roca com seu fuço*, diz o proloquio, e é uma grande verdade, que tenho visto confirmada muitas vezes na minha vida.

E vem isto tambem a proposito para dizer a v., que n'este meu projecto de regulamento não ha disposição alguma que authorise o commandante de companhia, como v. talvez quizesse, a pôr fóra do local do incendio, ou a recusar o auxilio das pessoas do povo que por um dever de humanidade e dedicação se prestam a fornecer agua, a trabalhar com uma bomba particular, a ajudar a remoção de salvados, emfim a prestar qualquer bom serviço, sempre bem accete em taes occasiões.

Foi o que succedeu no fogo da fabrica do sr. Costa, nas Devesas. Apresentaram-se alli duas bombas particulares: uma da propria fabrica que trabalhou com operarios da mesma, e outra da estação, que trabalhou com alguns empregados do caminho de ferro, e gente do povo, que acudiu logo que o fogo rompeu. Esta gente, é verdade que fazia algum barulho entre si, mas barulho desculpavel, porque era só quando tinha falta d'agua nas bombas, e quando por este motivo era obrigada a parar n'aquella voluntaria e louvavel faina; é tambem verdade terem as suas agulhetas molhadas algumas vezes os bombeiros, mas sem intenção, sem proposito. E quantas vezes nos succede isto a nós? Nem fallemos n'isso.

Estas duas bombas, que acudiram rapidas pela proximidade em que estavam do local do sinistro, prestaram excellentes serviços; e eu creio até que se não fosse este tão prompto soccorro, o fogo teria chegado ás mais importantes dependencias da fabrica, que ficaram intactas, podendo ter sido devoradas pelo fogo, tal foi a violencia com que rebentou.

E queria v. que eu assim que cheguei com a companhia municipal da villa, possesse fóra as duas referidas bombas e o povo que com ellas trabalhava, tendo prestado tão bons serviços? Não o fiz, nem o devia fazer. No Porto, onde os soccorros officiaes abundam, e onde são poucos durante o anno os incendios grandes, pôde ser dispensado e até prohibido o auxilio particular, por desnecessario ou incommodo; mas em Villa Nova de Gaya, onde os soccorros officiaes são poucos, onde os incendios costumam ser temiveis e trabalhosos, onde emfim o auxilio de todos é necessario, eu entendo que procederia menos prudentemente, além de praticar um acto injusto, se desgostasse aquella boa gente, porque para outra occasião não voltaria a prestar-me o seu valioso auxilio, de que tantas vezes careço.

Foi este facto o que levou v. a notar mais accentuadamente, a falta do regulamento. Pois mesmo com elle em execução, sinto que tenha de notar e censurar o mesmo facto em outros incendios que se manifestem em Villa Nova, especialmente sendo grandes, como são quasi todos. Creia que não pôde ser por menos.

Quanto ao 4.º ponto, á falta de subsidio por parte da camara ás corporações do Porto, quando vão acudir aos incendios a Villa Nova de Gaya, lamento que v. não note antes toda essa falta ás companhias de seguros, que em nada auxiliam as camaras municipaes na sustentação bastante dispendiosa das suas corporações de bombeiros, sendo ellas, as companhias de seguros, as que mais directamente interessam com os serviços d'essas corporações. Se os recursos da camara de Villa Nova de Gaya lhe permitissem esse subsidio, então tambem ella teria a sua companhia de incendios mais bem montada, com o dobro do seu limitado numero de praças, e com mais aperfeiçoado material, podendo d'esta fórma ser muito menor o soccorro que fosse do Porto em auxilio da villa, e consequentemente menores os prejuizos a que v. se refere, soffridos pelo material e pessoal d'esse mesmo soccorro. Mas a camara não pôde com muitos mais encargos, e ha de continuar, eu sei lá porque tempo ainda, a não poder de forma alguma prescindir do auxilio que o Porto ha tantos annos lhe envia nas occasiões afflictas. E apesar de tudo quanto se tente em contrario, ou de tudo quanto se diga, como infelizmente se tem tentado e dito ultimamente, eu tenho

fé, muita fé, em que esse auxilio, pelo menos o official, nunca o Porto o recusará á villa, que encerra nos seus vastos e numerosos armazens as fortunas de centenas de familias que residem no Porto, para não dizer que está alli armazenada a parte mais importante da riqueza do paiz. Quem tal fizesse, ou quem para tal concorresse, assumiria uma responsabilidade tremenda, e eu não vejo realmente quem a queira tomar, por mais alta que seja a auctoridade com que se julgue.

Além d'isto, v. parece ignorar, mas não ignora certamente, que ha perto de 40 annos que existe um contrato feito entre as duas municipalidades, para as suas corporações de bombeiros se auxiliarem mutuamente em todos os incendios que se manifestem em qualquer das duas povoações; e este contracto não foi feito, a meu vêr, pela grande precisão que cá no Porto houvesse do auxilio da companhia da villa; mas porque a camara da cidade do Porto, d'aquella época, intendeu, e todas as outras assim o teem louvavelmente entendido, que não só era impossivel á camara de Villa Nova de Gaya sustentar uma companhia á altura de per si só poder debellar os temerosos incendios que alli costuma haver, mas tambem porque pertencendo a maxima parte das riquezas em vinhos e aguardentes alli armazenadas a pessoas residentes no Porto, esta circumstancia, e os deveres de humanidade e boa visinhança, impunham-lhe a generosa obrigação de alli correr com a maior parte do seu pessoal e material de incendios, sempre que fosse necessario acudir á salvagão d'essas riquezas, e tambem á das vidas e propriedades dos villanoveuses, o que até hoje tem sido cumprido, com reconhecimento e gratidão de todos os habitantes d'aquella terra, para com a camara do Porto e sua valente companhia de incendios.

D'esta gratidão, muito folgo em ter mais este ensejo de o confessar, compartilha da forma mais digna e legitima a distincta e benemerita corporação de bombeiros voluntarios do Porto, de que v. é dedicadissimo membro, e que tão intrepida tenho visto a meu lado nos mais assombrosos incendios que ha quatro annos a esta parte tantas vezes teem levado o susto e o terror ás duas povoações visinhas.

Pela sua parte, a camara de Villa Nova de Gaya tambem tem cumprido, por meio da sua companhia, com as obrigações d'este amigavel contrato, e sempre que se manifesta algum incendio no Porto, por mais distante a que fique o local do sinistro, os bombeiros da villa correm pressurosos e cheios de boa vontade e dedicacão extrema a prestar todos os serviços que d'elles reclamem.

Ora já vê, pois, v., que exigir que a camara de Villa Nova recompense os serviços que alli lhe são prestados por corporações estranhas em occasiões de sinistro, é exigir o que ella não póde dar, e para o que não está obrigada por contracto algum. Peça v. no seu authorisado jornal que essa recompensa ou esse subsidio venha das companhias seguradoras, que é d'onde incontestavelmente deve vir, e terá cumprido não só o seu dever de jornalista distincto, mas o de advogado d'uma santa causa.

Tinha ainda mais que dizer com referencia a outras partes isoladas do artigo de v. a que me tenho referido, bem como a um outro artigo publicado no n.º 4 de 15 de maio, tambem com referencia á camara de Gaya, e que me pareceu completamente deslocado; mas devo terminar aqui, para não abusar da sua paciencia nem da sua amisade. Tambem nunca me lembra de ter escripto coisa tão longa nem tão

enfadonha, e se para mim ha enfado, para v. deve necessariamente haver aborrecimento, e tédio talvez para os seus benevolos leitores.

Não devo, porém, terminar sem agradecer a v. com todo o reconhecimento, umas palavras honrosas que me dedica no artigo que motivou esta minha inofensiva mas necessaria replica, sentindo muito e muito não ter direito a ellas, pois conheço á evidencia o pouco que sei e o pouco que valho.

Sou com sincera estima

De v.

Camarada e amigo,

16-6-1880.

Eduardo da Costa Santos.

Commandante da Companhia de Incendios de V. Nova de Gaya.

Agulhetas antigas

Ha quarenta ou cincoenta annos usou-se muito em Londres um utensilio que era considerado de grande valor para a extincção de incendios e que era conhecido por «ponteira de Bramal.»

Esta ponteira, formada por uma especie de espheras de cobre, perfurada pela parte superior e lateral era atarrachada na agulheta como qualquer outra ponteira. O bombeiro depois de ligada a agulheta á mangueira da bomba, conduzia aquelle engenhoso apparelho para o quarto incendiado, collocava-o no soalho na posição que lhe parecesse mais conveniente e ahí o deixava para extinguir o incendio.

Se as chammas eram ou não extinctas por este processo é ponto muito controverso; porém o que é certo, é que Guilherme Baddeley, cuja auctoridade sobre o serviço de incendios é incontestavel, patrocinou muitissimo este invento; pelo menos, assim o dá a demonstrar em uma carta que publicou em 1837, na qual o deffende com grande enthusiasmo.

Hoje, porém, a pratica tem demonstrado exhuberantemente a sua inutilidade, porque está provado que o bombeiro não deverá lançar agua em ponto algum que não possa observar com a vista, a fim de poder verificar o effeito de seu trabalho.

Actualmente, não nos consta que este extintor automatico esteja em vigor em parte alguma.

Incendios no Porto de 1 a 30 de junho

3 de junho — Às 10 horas da manhã. Rua de Fernandes Thomaz n.º 62. Propriedade do dr. Casimiro de Castro Neves occupada por Carlos Brandão de Vasconcellos que ahí tem estabelecido o collegio denominado de S. Carlos. O incendio declarou-se na chaminé e foi extinto pela bomba n.º 6, que primeiro compareceu seguindo-se-lhe o carro e bomba dos voluntarios. O predio tinha seguro e os prejuizos são calculados em 30\$000 reis.

3 de junho — Às 10 horas da manhã. Rua do Rosario n.º 224. Propriedade de Jacintho Pereira d'Oliveira, d'Avintes, habitada por uma serviçal de nome

Barbara. O incendio manifestou-se na chaminé que desabou levando consigo uma parte do telhado. Tinha o seguro do predio a Bonança. O incendio foi extinto por alguns guardas civis e particulares. As torres não chamaram os soccorros.

7 de junho — Às 3 horas da tarde. Villa Nova de Gaya, predio com o n.º 72 para a rua dos Castanheiros e com os n.ºs 59 a 39 para a rua da Mesquita. Na parte do predio n.º 59, aonde se declarou o incendio, estava estabelecida a padaria de Mamede Marques Nogueira. No n.º 69 morava Maria Joaquina e no n.º 72 tinha estabelecida uma cocheira, Antonio Ribeiro de Souza. O primeiro inquilino teve o estabelecimento completamente destruido sendo tambem consideraveis os prejuizos que soffreu o segundo inquilino. Quanto ao terceiro os promptos soccorros evitaram-lhe o destroço eminente. A propriedade que pertence a José Antonio de Sampaio ficou toda arruinada. Tem seguro na Indemnizadora. Os prejuizos são calculados em 3:000\$000 reis. O incendio levantou densas nuvens de fumo, tornando-se por muito tempo quasi impossivel aos bombeiros abeirar-se do local do sinistro.

Trabalharam na extincção o material do municipio de Gaya, as bombas do municipio do Porto n.º 3 e 4 e a bomba e carro dos bombeiros voluntarios que tambem trabalharam no rescaldo. A faina terminou depois das 6 horas da tarde. Julga-se que o fogo fosse originado por algumas faulas cahidas do forno da padaria.

7 de junho — Às 3 horas da tarde. Rua do Montebello n.º 274. Propriedade de Joaquim José Pereira Peixoto occupada por Francisco Pereira da Silva que tinha estabelecida uma tanoaria no quintal, n'um barracão construido para esse effeito e onde o incendio se declarou causando prejuizo em cerca de 200\$000 reis. Parece que o incendio foi devido à imprevidencia d'umas creanças que brincavam com phosphoros.

8 de junho — Às 10 horas do dia. Rua de Santa Catharina. Predio em construção pertencente a Joaquim Gonçalves Mamede. O incendio que se declarou n'umas fitas de madeira, foi de prompto extinto pela bomba n.º 2 e pelo carro n.º 3.

9 de junho — Às 7 horas e meia da tarde. Rua do Bomjardim n.º 403 a 407. Propriedade de Francisco José Mendes Guimarães, occupada por Manoel Mendes Torquato Pereira com estabelecimento de colchoaria e camas de ferro. O incendio devorou um barracão nas traseiras do predio e onde se manifestou, sendo os prejuizos avultados, pois que ali se achava armazenada uma porção de colxões. O estabelecimento tinha o seguro de 2:000\$000 reis na Bonança. O predio seguro na mesma companhia, pouco soffreu. E' tambem attribuido o incendio, a creanças que se entretinham com phosphoros. A primeira bomba que compareceu e que extinguiu o incendio foi a dos voluntarios seguindo-se-lhe o seu carro e a bomba municipal n.º 1.

10 de junho — Às 3 horas da madrugada. Alto da Fontinha. Real Fabrica Social de chapéus de Gonçalves Filhos & C.ª.

Por a julgarmos de todo o ponto fidedigna soccorremo-nos com a devida venia da noticia que a respeito do lamentavel sinistro publica *O Primeiro de Janeiro* de 12 do passado:

«O fogo, que principiara na estufa da machina, communicou-se rapidamente ás salas da fula, depositos de materia prima e drogas, e sala do trabalho das mulheres, officinas que occupavam a parte antiga da fabrica.

Rompeu logo uma enorme fogueira, que illuminava a parte alta da cidade, e fez com que as torres tocassem com tal violencia, que parecia rebate.

Os soccorros publicos não se fizeram demorar, sendo a primeira machina que chegou a dos bombeiros voluntarios, que foi collocada junto do tanque situado no interior da fabrica, para poder soccorrer a parte ainda não invadida pelo incendio, que estava grandemente ameaçada.

Na occasião em que se estava a preparar a machina, quando o seu arrojado commandante tinha subido para um passadiço que ligava os depositos com a casa das novas machinas, desabou nma parte da frontaria do predio, na extensão de mais de 20 metros, arrastando consigo uma parte da armação da casa e o passadiço em que estava o sr. Guilherme Gomes Fernandes, que teve a fortuna de não soffrer mais que o choque da queda.

Fomos testemunhas oculares d'este desmoronamento, e não sabemos nada de mais aterrador; não só o desabamento foi instantaneo, mas as pedras e madeira, caindo no tanque, fizeram subir a agua a grande altura, alagando na sua queda todos aquelles que estavam proximos.

Sob os destroços haviam ficado dous operarios da fabrica, no ponto mais perigoso do incendio, e quem pretendesse salv-os tinha que esquecer-se da propria vida. Fizeram-n'o o sr. Guilherme Gomes Fernandes, commandante dos bombeiros voluntarios, e os seus subordinados José Rodrigues Barreto e Luiz da Terra Pereira Vianna, os paizanos Alexandre Theodoro Glama e Eduardo d'Abreu Gonçalves e os bombeiros munipaes João Vieira d'Almeida, 2.º patrão n.º 25, e Manoel Rodrigues do Souto, 1.º patrão instructor n.º 12.

Os dous infelizes, que estavam quasi cobertos por grandes pedras escandecentes, chamavam-se Bernardo José, de 24 annos, casado e natural de Braga, e Manoel Joaquim de Paiva, de 45 annos, casado e morador na rua de Santa Catharina, na ilha de Caetano. Haviam sido apanhados pelas pedras na occasião em que saiam da fabrica, em companhia de outros, com pacotes de feltro que procuravam roubar às chammas.

Foi grande o trabalho para os tirar d'ali, já pelo grande volume das pedras, já pelo calor que ali fazia, a ponto de ficar queimado em uma das mãos o sr. Barrote, que tambem soffreu uma contusão no braço direito, produzida por novos desabamentos, na occasião em que estavam tombando as pedras.

O primeiro que foi tirado era Bernardo José, ferido na cabeça e testa, olho direito, braços e pernas. Foi conduzido em maca ao hospital da Misericordia onde ficou em tratamento.

O outro estava preso pela parte inferior das pernas, tendo tambem uma parte do tronco opprimida por uma pedra. Era grave o seu estado, porque não dava accordo de si, e tinha o pé direito completamente esmagado e desformisado. Foi conduzido pelos salvadores para casa da familia, onde o sr. dr. Mendes Correia lhe prestou os primeiros soccorros, que desde logo considerou inuteis. Falleceu passados poucos minutos.

Foi importante o trabalho dos salvadores, e bom seria que se lhes conferisse o premio que taes serviços merecem, para servir de estímulo a outros. Esta é a nossa opinião, apesar de sabermos que aquelles cavalheiros se dão por satisfeitos com a lembrança de terem cumprido um dever humanitario.

As chammass continuavam a progredir, sendo importantissimos os trabalhos que se fizeram por parte de todos para as debellar.

A bomba dos voluntarios, pela posição que tomou, utilisava duas agulhetas, sendo uma para refrescar a parte da fabrica não incendiada, e outra para evitar que o incendio recrudescesse pelo nascente.

As bombas municipaes n.ºs 1, 2, 8, 5, 6, e uma de Villa Nova de Gaya, combatiam o incendio pelo poente, norte e sul com a maior actividade, para o que muito concorria a abundancia d'agua que havia no local.

Apesar da dureza do trabalho ninguem se mostrava cansado, tal era o desejo de debellar o terrivel elemento, que tudo ameaçava destruir. O sr. inspector Falcão era incansavel em dirigir os trabalhos com a maior precisão, devendo-se ás suas acertadas medidas o restringir o incendio, que ás sete horas estava completamente extinto, começando então a obra do rescaldo.

Às 8 horas da manhã retiraram as bombas municipaes, ficando a dos voluntarios até as 9 horas, para concluir o rescaldo na parte que estava a seu cargo, a mais importante por serem ali os depositos do feltro.

Das corporações de bombeiros ha grande numero de feridos, mas todos levemente.

Os prejuizos são muito consideraveis, porque os depositos de feltro estavam quasi cheios, e pouco foi possivel salvar.

A fabrica estava segura na Companhia Tranquillidade por quantia muito inferior ao valor dos estragos produzidos pelo incendio.

No local do sinistro compareceram os srs. governador civil, commissario de policia, administrador do bairro oriental, o commandante da guarda municipal.

Esta desgraça tem sido geralmente sentida, já pelas victimas que fez, já porque os honrados industriaes, donos da fabrica, são crédores de merecidas sympathias.

11 de junho—Às 11 horas da noite. Rua de Santa Catharina n.º 186. Propriedade de D. Angelica Figueiroa, occupada nos baixos por Joaquim Antonio Gomes, que alli tem estabelecida a tabacaria Academica, onde se manifestou o incendio que occasionou prejuizos em cerca de 100\$000 reis.

O fogo foi dominado pelos particulares antes que comparecessem os soccorros publicos. A primeira bomba a chegar foi a n.º 2 seguindo-se-lhe a dos voluntarios. O estabelecimento estava seguro na Companhia Phenix.

15 de junho — Às 5 horas da tarde. Rua da Restauração, esquina da rua da Liberdade onde se acha estabelecido o collegio de Eduardo Allen. O fogo que se declarou n'um compartimento interior do primeiro andar causou prejuizo d'alguma importancia. Compareceu em primeiro logar a bomba n.º 3, e em seguida a dos voluntarios.

15 de junho — Às 5 horas e um quarto da tarde. Rua do Triumpho. Propriedade do visconde das Devezas, onde está estabelecido o hotel do Louvre, de D. Maria Henriqueta de Mello Lemos e Alvellos. O incendio que causou insignificantes prejuizos declarou-se na fuligem da chaminé e foi extinto pela bomba dos voluntarios.

18 de junho—À 1 hora e um quarto da noite. Rua nova do Sá da Bandeira n.º 141 e 143. Propriedade de D. Maria Emilia Ribeiro. Dependencias da

confeitaria de Francisco Fernandes de Sousa, cujo estabelecimento tem para a rua do Bomjardim os n.ºs 178 a 182. O incendio destruiu a parte em que se communicou, causando importantes prejuizos ao predio visinho onde Manoel José Gomes tem estabelecida uma refinação. Trabalharam na extincção as bombas municipaes n.º 1, 2 e 3 e a dos voluntarios, sendo a primeira a comparecer a n.º 1 seguindo-se ao mesmo tempo a dos voluntarios. O predio e a refinação tinham seguro na companhia Bonança. A faina terminou cerca das 4 horas da manhã.

18 de junho. — Às 6 horas da tarde. Passeio das Fontainhas. O incendio declarou-se n'um casebre que pertence a Maria das Neves, limitando a pouco os prejuizos pois foi de prompto extinto. As torres não chamaram os soccorros publicos.

21 de junho—As 11 horas da noite Rua da Trindade n.º 53 e 55. Propriedade da Ordem Terceira da Trindade occupada por Henrique Hilario Fabião com officina de segeiro, communicando-se á serralheria que lhe estava visinha e que pertence a Manoel Coelho Moreira. Os prejuizos são d'alguma importancia. Nada tinha seguro. O incendio foi combatido pela bomba dos voluntarios a primeira a comparecer e que trabalhou com duas agulhetas.

22 de junho—À 1 hora e meia da manhã. Rua de Sobre o Douro aos Guindaes. Padaria de Joaquim Bento Padilha. O incendio declarou-se na chaminé obstando a que progredisse a gente da casa e alguns policias. As torres não deram signal.

24 de junho—Às 10 horas da noite. Quinta do Cyrne propriedade do dr. Manuel de Carvalho Rebello e de que é arrendatario Joaquim Ribeiro de Magalhães. O fogo communicado por um balão destruiu um barcão onde se declarou e que servia de arrecadação de alfajas agricolas. Os prejuizos são calculados em 90\$000 reis. A primeira bomba que chegou e que combateu o incendio foi a da estação do Bomfim.

25 de junho—À 8 horas da noite. Estabelecimento de modas de madame Ravoux. A explosão d'um candieiro de petroleo e os gritos da gente da casa fez suppôr que houvesse incendio pelo que compareceu a bomba e carro dos voluntarios, cujos serviços não foram utilizados. As torres não deram signal.

27 de Junho—As 10 horas da manhã. Rebate falso para a circumscripção da Aguardente.

Heroicidade

Pela chronica de incendios relativos á primeira quinzena d'este mez se vê o acto de valor praticado por alguns bombeiros voluntarios e municipaes, bem como por outros individuos que baratearam a vida para valerem a dous infelizes que chamavam por soccorro, semi-sepultos nas ruinas da parte da paredé da fabrica incendiada que acabava de desabar.

Actos d'estes não carecem d'encomios ou elogios; basta narral-os para que o publico os aprecie como merecem.

No entanto, entendemos dever consignar aqui conspicuamente os nomes d'esses benemeritos, como tributo de homenagem ao seu heroismo e valor.

São elles os bombeiros voluntarios, Guilherme G. Fernandes—Luiz da Terra Pereira Vianna—José Ro-

drigues Barrote; os bombeiros municipaes, João Vieira d'Almeida—Manoel Rodrigues do Souto, e os paisanos Alexandre Theodoro Clama—Eduardo d'Abreu Gonçalves.

Incendios nas Provincias

No dia 6 do corrente, nas Ameias, em Coimbra, ardeu uma casa onde estava estabelecida uma cocheira de trens d'aluguer e uma fundição e serralheria. A parte do prédio, que pertence ao dr. Manuel da Costa Allemão, e onde estava a cocheira ficou destruída. A fundição e serralheria um tanto afastadas do foco do incendio escaparam não sem prejuisos.

*
* *

No mesmo dia houve um principio de incendio na casa do conde do Arco, em Guimarães. Foi extinto pelos populares e gente da casa, cifrando-se um pouco os prejuisos que occasionou.

*
* *

No dia 13 do passado houve em Villa do Conde um principio de incendio nas trazeiras d'uma cocheira de Manuel de Fantezia d'aquella villa. A promptidão dos soccorros evitou talvez um grande sinistro.

*
* *

Na noite de 8 para 9 do passado um violento incendio destruiu o prédio da esquina da rua de Santa Catharina, em Setubal, onde habitava o dr. João Soveral.

*
* *

No dia 20 do corrente declarou-se um incendio n'uma casa proxima da quinta de Villa Flor, cerca de Guimarães. Os prejuisos não são de vulto para o que muito concorreu a promptidão dos soccorros. A primeira bomba que compareceu foi a n.º 3 municipal.

*
* *

No dia 18 do passado ardeu em Extremoz, na mina de Mostardeira um deposito importante de lenha do valor aproximado a 1:000,000 reis. Supõe-se que o fogo fora posto por um mineiro.

Incendios em chaminés

Hoje—que n'esta cidade se criou uma companhia expressamente organísada para a limpeza das chaminés, é de crer que esta especie de incendios diminua consideravelmente.

Existe nas posturas municipaes um artigo que

manda applicar uma coima áquelles que não tiverem as chaminés dos seus predios limpas; porém, que nos conste, só foi applicada uma unica vez essa multa, e no emtanto, nós temos presenciado muitos incendios em chaminés, os quaes só podem ser originados pela falta de limpeza; isto é, pela muita agglomeração de fuligem.

Não sabemos, nem mesmo nos propomos indagar das causas que terão actuado no animo da camara ou de quem compete a applicação da multa, para deixar de a applicar aos contraventores da postura: no emtanto, o que sabemos, é que a negligencia tem dado logar a que o numero de incendios d'esta natureza augmente progressivamente todos os annos, e urge providenciar-se quanto antes, não só pelo transtorno e trabalho que estes incendios acarretam aos bombeiros, mas pelos estragos que causam ao material.

Na generalidade, estes incendios não offerecem perigo algum para a propriedade, nem para os predios contiguos, e tanto isto é verdade, que na Inglaterra, França e Allemanha, as bombas não sahem para estes incendios. Apenas vão os bombeiros com as espías e bombas de mão; mas como já aqui temos observado, aquelles deterioram-se muitissimo, e os prejudicados são os bombeiros ou as companhias a que pertencem. Não sabemos a applicação que tem a multa, mas parece-nos razoavel que ella fosse destinada para os reparos de material ou para outro qualquer fim identico.

Como parte mais interessada, compete á companhia ultimamente organísada para a limpeza de chaminés, representar á camara para que seja inexoravel na applicação das multas, muito principalmente, porque d'ahi lhe resultaria algum proveito, visto que todos tractariam de mandar limpar periodicamente as suas chaminés por uma quantia modica, afim de evitarem o pagamento da multa que não é pequena.

Compete igualmente á inspecção dos incendios auxiliar quanto possivel a companhia na realisação d'esta pertensão, não só por ser de justiça, mas pelo que lucrará com a diminuição d'este genero de fogos e estragos no material.

Já não é a primeira vez que nos occupamos d'este assumpto e esperamos que agora não sejam infructiferos os nossos clamores.

Confiamos na solicitude e boa vontade do digno inspector dos incendios, que muito poderá influir para o deferimento d'este pedido que é de toda a justiça.

Incendios no estrangeiro

Houve ultimamente um incendio na cidade de Torjakro, governo de Tver. Foram destruidas 53 casas de pedra, 92 casas de madeira e 3 egrejas.

*
* *

A cathedral de Quito foi reduzida a cinzas por um incendio, ao qual succumbiram 63 pessoas!

Ficaram muitas familias na miseria; a consternação é indizível.

Bazar - exposição

Toma verdadeiramente o caracter de exposição de productos locais o bazar promovido pela direcção da Real Associação Humanitaria «Bombeiros Voluntarios do Porto.»

Além das prendas offerecidas pelos particulares, concorrem com dadivas do seu fabrico e negocio, os fabricantes e commerciantes do Porto.

As commissões já concluíram os seus trabalhos para esse fim nas ruas de Santo Antonio, Feira de S. Bento, rua das Flores, rua de D. Maria II, Caldeireiros, largo dos Loyos, calçada dos Clerigos, praça de Carlos Alberto, rua de Cedofeita e Oliveiras, não encontrando um unico negociante que se negasse.

E' tambem muito crescido o numero de fabricas, com cuja adhesão já se conta, e portanto, é de crer, que em vista do favoravel acolhimento que teve o appello da direcção, o bazar seja o primeiro que se tem feito n'este genero e que os lucros sejam avultados.

Bizarro proceder

Consta-nos que os proprietarios da Fabrica Social desejando demonstrar á corporação dos bombeiros voluntarios e em reconhecimento pelos importantes serviços que prestou por occasião do incendio que se manifestou na fabrica e sabendo que o sr. Guilherme Fernandes havia planejado um novo aparelho do qual a associação carecia, promtificará-se a mandal-o construir a expensas suas.

Actos d'estes estão superiores a quaesquer elogios, por mais alevantados que sejam;—e nós portanto, limitamo-nos a narrar o facto.

Os bombeiros no tricentenario

O portico que os bombeiros voluntarios de Lisboa construíram no largo do Barão de Quintella produziu um maravilhoso effeito.

Os bombeiros voluntarios de Lisboa depozeram tambem no monumento do grande cantor um formosissimo *bouquet* de flores artificiaes, feitas de madeira e do qual pendiam duas ricas fitas de seda encarnadas bordadas a ouro.

No imponente prestito civico tomaram parte as brigadas de bombeiros voluntarios de Lisboa e de Belem e os bombeiros municipaes. Foi sobre maneira notado o lusimento com que se apresentaram as distinctissimas corporações. Os bombeiros vo-

luntarios de Belem apresentaram-se com um carro onde se alçava um gracioso tropheu composto do material com que entram nas incruentas batalhas da salvação da humanidade.

Commerando o tricentenario de Camões a Companhia de Bombeiros Voluntarios da Povoia de Varzim levou á scena no theatro Sá da Bandeira d'aquella florescente villa um espectáculo de gala, com a scena dramatica, Camões e Jão, e o drama em 3 actos — Paulo e Maria, ou a Escravidão Branca.

Varias noticias

Tem augmentado consideravelmente o numero de protectores auxiliares da Real Associação Humanitaria «Bombeiros Voluntarios do Porto.»

Falleceu no dia 14 do passado, o ex.^{mo} sr. Guilherme Theodoro Rodrigues, director do Banco Commercio e Industria e do Palacio de Crystal, e antigo socio protector da Real Associação dos Bombeiros Voluntarios d'esta cidade.

Perdeu aquella associação um dos seus melhores amigos.

O theatro Célestine, de Lyon, cujo incendio noticiamos, estava seguro em cerca de 285 contos.

Aos responsos de sepultura pelo malogrado Manuel Joaquim de Paiva, victima do incendio da fabrica Social como em outro logar noticiamos, assistiram muitos bombeiros voluntarios e municipaes sendo o feretro condusido desde a sua habitação até ao cemiterio do Prado do Repouso alternadamente por uns e outros.

Uma rapariga que contra sua vontade foi mandada ha tempo para o hospital de Aveiro, tentou lançar fogo ao edificio, chegando a preparar para isso os elementos e a accender lume. A tentativa porém foi a tempo descoberta pelo enfermeiro, podendo assim evitar-se um dos grandes males que podia succeder áquella cidade.

O legado entregue pelo sr. Rosa Araujo digno presidente do municipio de Lisboa em nome de seu fallecido pae, sr. Silva Araujo, para servir de base á creação d'essa associação, foi de 300\$000 réis. A commissão nomeada no dia 4 do passado, para a redacção dos estatutos, tem adiantados os seus trabalhos. A associação bazea-se no soccorro aos bombeiros invalidos, e ás suas viúvas e orphãos. A camara municipal, ao que se julga, tambem auxiliará a nova instituição, como se espera auxilio das companhias de seguros. A Companhia Fidelidade já prometteu subscrever em favor da nova associação.